

DE TODO O POVO DIÁLOGOS ACERCA DA PANDEMIA: MARCAR RITMO NO COMPASSO DA VIDA

FROM ALL THE PEOPLE DIALOGUES ABOUT PANDEMIC: MARKING PACE IN THE BEAT OF LIFE

Marcelo Calderari Miguel¹ 

Recebido: 22/08/2020

Aceito: 30/12/2020

1 Acróstico Coronavírus: respiratória síndrome pandêmica (SARS-CoV-2)

Começa num bicho morcego, numa urbe alavanca, na Hubei província avança.

O abraço contato some do mapa, não mostrar mais o palhaço o redondo nariz...

Rompe-se o estampar de sorrisos, o cardume de religiosos ou cientistas se contradiz.

Oportuniza-se a era de metamorfoses, arcana sensação para ideólogos e vastas terapias.

Novo coronavírus é como pólvora, inovação provoca, situa a nova infecção e síndromes.

Assim se mascara a plenária e disfarça os feitos, traz polêmicas é claro de novas cadeias.

Viralizar pauta o bem e a nova farmacologia de convicção; libertação traz a sombrios picos.

Íris num arco drama, a diligência é parábola e sina, imuniza um ríspido gradeamento...

Rege-se o terror – mais dois milhões de fiambres – a abrupta transa planetária do Sars-CoV-2.

Uma arte insana, a normalidade é perseverança, mas a vida se torna mais eiva e íngreme.

Situa-se o novo normal, mestria da vacina, e o fantabular da rapina quarentena e isolamento!

¹ Especialista em estatística, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Pesquisador. Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica, Ufes, Brasil. E-mail: marcelo.miguel@edu.ufes.br

2 SARS-CoV-2 e descobertas: Insulsa Quimera, Prélio de beque e pandemia



Um esparadrapo impermeável.

Emancipa coisa viral, falames!

Consórcio de insana distopia.

Histeria coletiva e as verdades!

Eis a era de *fake news*, trauma.

Enjaula gente, *trend* cadavérico!

Quimera repentina, uma mudança.

Catalogar suportes, fazer novos cenários?

O império de álcool é o paramentado que nos engarrafa.

Consórcio de distopia, a humanidade soberba paradigmática...

Acorda nesse déjà-vu, a história tem memória epidemias antes já vi.

O teatro é um palco vazio, mas muitos são os imemoriáveis que partiram!

Carnavais e o devenir solidário, um prismático e psicodélico circuito e circus.

A Covid-19 vírus nos xilindrós adentra, dos lares faz masmorras, uma trucida via!

Assim se pensa a pandemia, o acatado sorriso pouco estampado tem vendas e velas.

Em todo canto o Corona enclausura, viaja o vento, desnuda hábito e vida, insídias...

Mas tudo passa, o valor da existência é um recado pano, tecida rede de equilíbrio.

Terremoto, maremoto, tsunamis e as penalidades expressam igual transitar?;

Covid-19 é convite que salga retratação, capilaridade de se fazer sensível.

No sangue esperamos os anticorpos, um terreno de relutante remédio!

Restringir é o tempero, e relutamos, mas controle é isso - máscaras.

Vai passar, tudo logo passará, o assombro cinge um escanteio.

Sânscrito dissimular, se oportuniza metamorfose singela!

Não mais a alcateia vai encurralar a presa no abismo.

O descortinar do avatar é certo, e tudo vai passar!

3 Erlenmeyer e a COVID-19 (SARS-CoV-2): dracma perdida, sucumbir jamais

Era uma vez uma máscara
Cobria os rostos em festas
Um pano envolvia olhares
Em festejo, há rico tecido:
Máscara no nariz, na boca
Esta, só em filmes existiam
Tipo de faro oeste e crime
Entre a doença ou o vírus?
Folia hodierna é clandestina
O tempo fomenta a pandemia



Situação é calamitosa, epidêmica
Mostra que o vírus não é gripizinha

É algo hostil, canibal de insano mal

O evoluir da corrente epidemiológica é grave

É mais que epidemiológico quadro, traz agravos...

Sociais mazelas e disparidades, têm disruptivo potencial.

Desinformante, descasual, imemoriável desterro insondável.

Eis a calamidade pública, enjaula todos, invade as penitenciárias.

O tramitar é horripilante, o inimigo Covid é sutil e de monstro é apedido.

Não há concreto, o bicho adentra os labirintos da vida – dispnea causaria.

Gênese e ‘genes’ de uma insanidade insossa, e nada o impede nem a algema.

A distrofia da Covid-19 é convite para sordidamente se repensar a humanidade.

Há uma inquietude inquilina, humana e profissional no picadeiro da vacina.

Isto é o broncoespasmo vital, nossa sina caraça da brevidade existencial!



4 O oceano de vida por um triz: no ar a epidemia, pandemia, endemia e surto

Parestesia, síncope, tensor, rash e coronavírus! Eis um vórtice ciclônico de alta performance.
Prurido que invade artefatos imemoriais, tocaia que transforma Wuhan e a microbiologia...
Agita e alucina, um palanque finura de picadeiro; surge a caixa preta do terrestre embarque.
Eis o caiaque ou catraia da vida que salga o mínimo espaço de confinamento e etnobiologia.
Nessa hora queria um barquinho, numa era da simbiótica pandemia longe de terminar.
Há que faz, humanitarismo existe, e tira-se do baú um destaque a Optometria!

Medidas de isolamento e tudo fecharam, eis o reiterar da epidemia dia após dia.
Longe dos olhos, perto do coração - repensar a nossa urbanidade e Farmacologia.
De repente é o sair da rotina, documentar ‘lives’, trabalhar o visual do subnotificado risco.
O vírus da ruptura e disruptura ameaça portas, janelas, vias; o novo normal da imunobiologia.
Num rol de tramoias é certo: não há vapor, barca, bote, canoa, nau e balsa para a fuga pedir.
Há quem diga, e se diz humano, tiram um baú de riqueza desse malefício tamanho. Política?

5 Umbrático presságio, distopias o presente esculpe

Joguei detergente, veneno, um engalfinhado grampo e dossiê e nada mata-o.
Era surto e espraiando ia o coronavírus pelo mundo. O funesto vírus tudo massacra!
Visando extermínio usei cal, sabão e quente água; substâncias vastas e não matou nada.
Lancei cloro, álcool, creolina e carboxílicos ácidos; E nada, liquidou o viral agente.
Espalhei cola quente, odores, tóxicos e farmacológicos de hidróxido e cloroquina.
Nem isso mataria a filogenética relação Sars e Mers, a Codiv-19 avança e no país aflora.

Alastrei mercúrio, cianeto, arsênico e algum fluoreto letal a humanos talvez...
E o coronavírus que nada, creio que até na granada dançavam, e nada os arremata.
Esparzi protozoários, bactérias e malévolos fungos selvagens, e nada disso adiantava.
A louca Covid-19 a matança avalanchava; e, eu espargi choro, soluços e lágrimas.
Não adiantou o barulho na jornada, a manada é de extermínio, tudo mais dizimava!

Logo fui vendo que a tradicional matéria de nada os trucidará, socapas.
A Covid-19, doença resistente, a cada geração descortinava profícua letalidade.
Se o mundo tem um novo agente, melhor mesmo é arranjar mamonas assassinas!
Quiçá uma zarabatana, talvez alguma Havaiana esteja disposta a hostilizar essa trava.

6 Carga viral infectante, o painel de combater é a informação

Isso é Brasil, painel interativo do OpenDataSUS alerta: ‘se precisa sair, use máscara’!

Nisso a informação é estratégia! Painel de ação se torna transparente e analítico se faz.

Feita a atualização, secretarias estaduais de saúde tecem um rebuçado painel da realidade...

Efetiva-se ainda um painel de recuperados, casos e sínteses para acompanhar, informes totais.

Constatam-se casos acumulados e o ultraje político – sumo ‘imunizante’ do painel divulgado.

Tamanha frequência o painel pauta: incidência e intervalo, confirmados e acumulados dados.

Agora o coeficiente de incidência é painel matemático, era memorial inumerável – postulado.

Data de notificação e epidemiológicas semanas, eis um midiático painel de compassada dor.

O painel traz frias palavras, letalidade e mortalidade, retratos do clima de pavor escanifrado.

Sucedem-se confirmados óbitos, autoridades sanitárias do painel falaram – Vacina Brasil!